

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

OESP

Class.:

Guarani ES

Data:

09/02/94

Pg.:

A2

1329

FREI BETTO

## Caravanas

**M**orreu dia 31 de janeiro último, no litoral norte do Espírito Santo, aos 112 anos, a índia guarani Tatantim Roa Retêe. Em 1940, no Rio Grande do Sul, Tatantim convenceu-se de que haveria de encontrar a Terra Sem Males, a versão indígena do Reino de Deus dos cristãos. Acompanhada pelo marido, o pajé Karai Jatende, e mais 40 índios, Tatantim, imbuída de forte religiosidade, saiu perambulando pelo Brasil, numa peregrinação rumo à utopia, semelhante à dos hebreus conduzidos no deserto por Moisés, há cerca de 3.200 anos.

Em Santa Cruz, onde faleceu, Tatantim acreditou ter encontra-



**Estamos sempre na busca de algo ou de alguém, um lugar ou um Deus**

do o reino da bonança e da harmonia. Com seus companheiros, ergueu ali a aldeia de Tekuá Porã, antigo território tupiniquim. E enfrentou uma transnacional, a Aracruz Celulose, cujas florestas de eucaliptos desertificam o solo mas significam lucros exorbitantes. O capital entende de aritmética, sabe somar e multiplicar, mas quase sempre ignora o que seja humanidade.

Fazer da utopia caminhada — eis uma característica do ser humano. Os antigos conquistadores vislumbraram o Eldorado além-mar. No século passado, Antônio Conselheiro desceu do Ceará para a Bahia, onde fundou a comunidade de Canudos, cuja dimensão a histo-

riografia brasileira ainda não apreendeu. Ali não havia posses, miséria e analfabetismo. Neste século, Luiz Carlos Prestes promoveu, entre 1924 e 1927, a marcha revolucionária que percorreu 24.000 km, superando em distância a longa marcha de Mao, na China. Agora, Lula realiza caravanas por todo o País, no esforço de entrar em contato direto com as populações carentes e reacender a esperança num Brasil melhor.

Viver é peregrinar. Estamos sempre em busca de algo ou de alguém, um lugar ou um Deus, que nos confirme a fé naquilo que cremos, mas ainda não vemos. Convencidos de que há qualquer coisa de melhor além de nossas fronteiras, sonhamos em tomar o rumo de Santiago de Compostela ou do Taj Mahal, da Palestina ou dos índios que conhecem as ervas que nos abrem as portas do Céu. De fato, difícil é caminhar para o único lugar que realmente interessa —

para dentro de nós mesmos. Lá, há alguém que é "mais íntimo a nós do que nós a nós mesmos", dizia Santo Agostinho. O fundamento do Real. Aquele que instaura a verdade do sujeito e (ir)rompe os limites entre o consciente e o inconsciente. Esse mergulho não conhece outra via senão a do amor, e um único veículo: a oração que plenifica o vazio do desejo. Após falar de Deus e a Deus, só resta ouvir o que Ele tem a dizer. Deus também tem suas manias. Prefere falar no silêncio, não como ausência de ruídos, mas como reapropriação de nossos sentidos e da nossa mente, entregues à amorosa dilatação do espírito. O que os místicos chamam de contemplação. Caso contrário, estamos condenados ao desconforto de ser estranhos a nós mesmos, conforme reconheceu Fernando Pessoa: "Fui o que não sou".

■ Frei Betto é escritor